



IGREJA ativa

... A árvore do Conhecimento abre as portas dos sonhos

REPORTAGEM

FAZER A MUDANÇA A PARTIR DE DENTRO

GERAÇÃO TECLA E6G

P. 04-05

BREVES

Papa Francisco cria hoje 14 novos cardeais

O Papa Francisco preside hoje à tarde ao Consistório Ordinário Público para a criação de novos cardeais, imposição do barrete, entrega do anel e atribuição do título. D. António Marto, bispo de Leiria-Fátima, é um dos 11 novos cardeais eleitores, sendo que três dos 14 novos cardeais têm idades acima dos 80 anos. Portugal está representado no Colégio Cardinalício por três cardeais: D. Manuel Clemente, patriarca de Lisboa, e D. Manuel Monteiro de Castro, penitenciário-mor emérito, ambos eleitores; e D. José Saraiva Martins, prefeito emérito da Congregação para as Causas dos Santos. O Papa Francisco vai também, esta Sexta-Feira, na Praça de São Pedro, abençoar os pálios sagrados, destinados aos novos arcebispos metropolitanos, e celebrar a Eucaristia da Solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo.



Presidente francês empossado como cónego honorário

O Papa Francisco recebeu esta Terça-Feira o presidente de França, Emmanuel Macron. Segundo o Vaticano, Francisco e Macron conversaram sobre vários assuntos de interesse comum, entre eles a problemática da migração e a protecção do ambiente, ambas bandeiras do pontificado de Francisco. Macron foi também empossado como "proto-cónego de honra" do Capítulo da Basílica de São João de Latrão. A basílica papal e França mantêm uma ligação que remonta ao século XV, quando o rei Luís XI doou a São João de Latrão a abadia de Clairac e os seus rendimentos. Em contrapartida, foi conferido ao chefe de Estado francês o título de "primeiro e único cónego honorário" (*premier et unique chanoine d'honneur*).



OPINIÃO

Olhares - 2



JOÃO AGUIAR CAMPOS

PADRE

O pequeno rio que, no Inverno, empurra as margens como rufia de feira, é hoje um breve fio de água. Tão fino como sediela de pescador; e tanto que, há momentos, uma aranha o atravessou a pé enxuto.

a montanha voltar a soltar-se em lama e água apressada.

Olho-a, num carinho vago, e penso. Penso que há uma enorme serenidade nos braços da ponte: a serenidade de quem está e, fundamentalmente, sabe estar!...

Debruçada sobre o corpo seco do pequeno rio, a ponte acorda-me memórias familiares: afinal, parece-se tanto com a presença amorosa de quem espera, no silêncio cinzento de um hospital ou de um lar de acamados, um ligeiro movimento, a breve corrente de ar de um sinal de vida!...

Sim; prefiro pensar estes sinais amorosos, que sofrer o pessimismo nocturno de Matsuo Bashô:

Verão ou Inverno, tanto faz... Todas as estações são tempo de amar.

Sabemo-lo teoricamente e dizemo-lo em voz alta, porventura na esperança de nos ouvirmos e convenceremos. A verdade, porém, é que temos dias de aceitação e entusiasmo, mas são mais e maiores os meses de fadiga do outro. Principalmente de quem não pode retribuir, mesmo que seja mediante o minuto efêmero de ficar na fotografia. Desgraçados dos desgraçados!...

Simone Weil, que leio citada por Pablo d'Ors, disse-o de uma forma magistral: "Dar atenção a um desgraçado é uma coisa muito rara".

Volto a olhar a ponte, genero-



Numa pedra onde os musgos secam, duas rãs espreitam a concha de um copo de água onde possam lavar os olhos remelosos e olear um coaxar já arranhado.

Olho tudo isto. Mas o que mais me impressiona é a ponte!...

A ponte está aqui, arqueada e firme, nesta hora seca como em pleno Inverno. Está aqui, à espera de ser precisa para uma travessia segura; agora, para a eventualidade de um temporal tonto e fora de estação; ou mais tarde, quando

"Na casa de colmo ouvem-se as vozes das traças dentro do casaco de palha".

Aliás, o próprio Bashô também parou diante de campos de arroz já amadurecidos...

É nesse olhar sobre campos de arroz amadurecido que quero demorar-me, recusando a superficialidade dos afectos. Acreditando, ainda com novo *haiku* de Bashô, que quem ter tinta deve molhar uma pedra no orvalho!...

Querida ponte que me ensina a estar, obrigado!

samente suspensa sobre o pequeno rio quase enxuto. Com ela, quero aprender a segurar mãos frágeis em momentos de vidro...

Permitam-me que leia José Carlos Bermejo: "Quando olhamos um belo entardecer, se estivermos plenamente presentes, poderemos viver muito profundamente esse pôr do sol"!...

Quanto desejo que alguém o partilhe comigo, quando o horizonte se apertar e não precise de quem me "assista", mas de quem me acompanhe!...

OPINIÃO

Embondeiros que sonham pássaros



JORGE VILAÇA

PADRE

Há pessoas que são como lugares bem situados. Transmitem o que crêem sem (ab)usarem da palavra nem reclamarem notícia. Tudo neles é dom. Vivem a nu, para quem quiser vê-los, para quem quiser lê-los. Não buscam simpatias (nem são particularmente simpáticos) e, talvez por isso, não chegam a ser nomeados. Homens que lembram aqueles embondeiros africanos (ou d' "O príncipezinho" de Exupery), sólidos por fora, albergues por dentro. Uns e outros tão largos que podem servir de abrigo, de celeiro ou de sepultura. E até há quem diga que, o embondeiro-árvore é capaz de armazenar dentro de si 120.000 litros de água.



2. João Gonçalves, nascido em Pombal, esteve quase 40 anos como irmão missionário no norte de Moçambique (Pemba). Atravessou lá a guerra colonial e, depois, quase 20 anos de guerra civil. Faleceu nos últimos dias de maio, aos 88 anos, fora da sua terra. O Irmão João era um homem que falava em verso. Literalmente. Rimava as suas respostas com as do seu interlocutor. Sintonizava. Quem o conheceu sabia da sua arte: amanhar a terra, regar, desbravar capim, fazer nascer couves e alfaces. Numa das primei-

ras vezes que o encontrei estava, naturalmente, na horta. Sem camisa, magro, calvo, com as patilhas descidas pela face, com a pele enegrecida pelo sol, como que coberto por uma carapaça natural. Indiferente aos salamaleques habituais da presença de um Bispo que também chegava, cumprimentou e continuou agarrado à enxada. Pouco depois, apareceu à mesa dos convivas com a sua camisa coçada pelo uso, dobrada sobre um ombro. Sentou-se, pegou na sua tigela de sopa, juntou-lhe um pouco de tudo o que estava sobre a mesa, remexeu e comeu sem delongas nem cortesias. Não abdicava do direito às férias. Para essa viagem usava o seu único fato. Já cego e paralisado de um dos braços, frutos de um assalto, remetido para Portugal por questões de saúde, dizia: "se não faço nada aqui [Portugal], prefiro não fazer nada na minha terra [Moçambique]. E cantava "vai trabalhar pelo mundo inteiro, Eu estarei até ao fim contigo. Está na hora, o Senhor me chamou, Senhor aqui estou...". Assim partiu como viveu: com os pássaros e em nome de Deus.

3. Há 5 anos, um grupo de beneditinos do extraordinário oásis do Mosteiro de Ndanda, Tanzânia, uma mega escola de ofícios, passou por terras da Diocese de Pemba (recordo que esta Diocese é do tamanho de Portugal). Quando passaram em Imbuo (Mueda), local distante do "mundo", viram umas casas em ruínas: seria ali mesmo que reergueriam uma Missão católica. O padre Witmar, de feitio férreo contrastante com a magreza do corpo, voluntariou-se para reconstruir essa Missão. Em três anos construiu uma grande igreja, ergueu a casa das irmãs missionárias e a escolinha para crianças (com internato). Construiu ainda duas cisternas de 100.000 litros de água, qual mina de ouro. O Pe. Witmar tem 87 anos. Nasceu na Alemanha e é monge beneditino há 63 anos. Fala fluentemente alemão, inglês e kiswahili. Foi missionário na Tanzânia durante 59 anos. Repare-se sobretudo neste "pormenor": depois dos 80 anos mudou de país, de língua... Vive ainda, com os pássaros e em nome de Deus.

4. Parafraseando o título de um conto de Mia Couto, há embondeiros que sonham pássaros.

OPINIÃO

Pneumatologia



JOSÉ LIMA

PADRE E PROFESSOR

Esta palavra portuguesa procede do Grego (substantivos *Pneuma* e *Logion* justapostos). Diz respeito ao estudo teológico sobre a terceira pessoa da Santíssima Trindade, sendo um dos mais apaixonantes tratados da Teologia Sistemática. Desta forma se constituem os estudos teológicos em torno do Espírito Santo, Espírito de Deus.

Pneuma é a tradução Septuaginta do *Ruah* hebraico, que nos escritos do AT designa o vento, a respiração, o sopro, e posteriormente a força de Deus que se vai paulatinamente personificando. Aparece inúmeras vezes na Escritura (mais no AT). Tem a ver com a força de Deus no interior do Povo de Deus, quer na antiga aliança (onde aparece como Espírito de Deus), como depois na aliança definitiva em Cristo. Os cristãos são transformados pela virtude do Espírito Santo de Deus, que neles faz frutificar a vida que recebem no Baptismo.

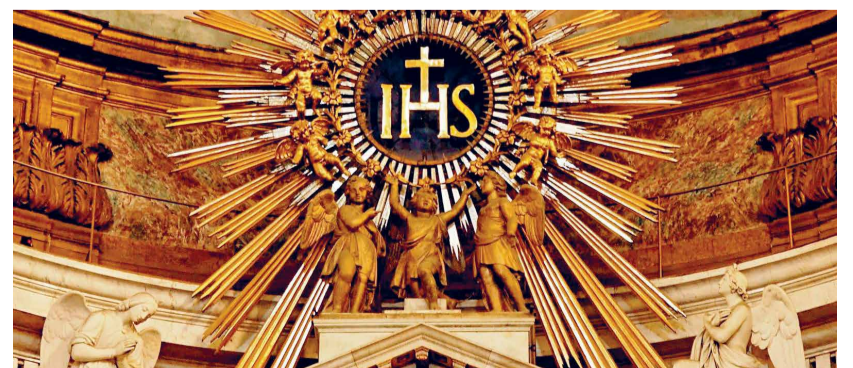
Na tradução Vulgata de S. Jerónimo, a palavra foi traduzida por *Spiritus*, Espírito.

A primeira força, presente já nos relatos bíblicos da Criação, "pairando sobre as águas" (*Gn* 1, 2), integra os homens pela graça do Batismo e torna-os testemunhas da Vida Nova da Ressurreição: Cristo vive neles por obra contínua do Espírito que modela o seu agir e o seu ser (*1 Cor* 12, 3).

Esta força interior foi ganhando personalidade ao longo da História bíblica, até ser personalizada sobretudo pelo evangelista João. O crente é um ser pneumatológico, isto quer dizer que o crente actua e opera pelo Espírito Santo na Igreja (Umberto Proch).

O Espírito Santo preside ao Tempo da Igreja, que liturgicamente se vive sobretudo na solenidade do Pentecostes, descida do Espírito sobre a Igreja. Simbolizado nas rajadas de vento, o Espírito fustiga os discípulos reunidos com Maria, cinquenta dias depois da Páscoa (*Act* 2, 1-4): desta forma se inaugura o tempo da Igreja. Renova-se em todos os crentes a vida interior nascida da Páscoa de Cristo: o Espírito Santo é "princípio de unidade e de vida para a Igreja, sua acção sacramental e sua palavra" (*Karl Rahner*). O Espírito aparece como advogado, defensor, consolador (paráclito), que guia para a verdade completa (*Jo* 16, 13).

A vida trinitária é própria de todo o crente, aperfeiçoando dia-a-dia a sua intimidade com "a alma da Igreja" (*S. Tomás/Karl Rahner*), que faz a renovação permanente da Comunidade, individual (em cada um) e em Corpo de Cristo. Age em cada crente como respiração renovada. Simbolizado no vento para toda a criação. A realidade do Espírito é actual, não foi apenas no passado. A Igreja é uma Comunidade pneumatológica no concreto volver da sua história. O Ano Litúrgico acontece como um tempo dinâmico essencialmente pedagógico. O Tempo Comum que se vive em Igreja é muito favorável para que cada um vele por uma maior consciencialização da alma: o Espírito Santo robustece-a e favorece uma atmosfera própria, a inabituação da Trindade. Assim acredita a Igreja!



REPORTAGEM

FAZER A MUDANÇA A PARTIR DE DENTRO

GERAÇÃO TECLA E6G

BRAGA É UMA CIDADE COM UMA POPULAÇÃO LARGAMENTE UNIFORME, QUER EM ESTILOS DE VIDA, QUER NOS INDICADORES ECONÓMICOS E SOCIAIS. OS LOCAIS QUE SE DESTACAM DESTA UNIFORMIDADE, INFELIZMENTE, NÃO O FAZEM PELAS MELHORES RAZÕES. É O CASO DO BAIRRO SOCIAL DE SANTA TECLA.

Não é um mundo diferente, mas já o foi, e isso ainda se nota quando se passa em Santa Tecla, um espaço da cidade de Braga dominado pelo seu bairro social. Perto do bairro está um projecto que quer aproximar este mundo do mundo que domina o resto de uma cidade em que a comunidade cigana – predominante neste bairro – ainda não está integrada.

Ao entrar no espaço do Geração Tecla E6G – o nome do projecto da Juventude da Cruz Vermelha financiado pelo Programa Escolhas –, num espaço entre árvores, a primeira coisa que os nossos olhos vêm é precisamente uma árvore. Mas esta está pintada nas escadas que levam à porta de entrada, e aponta desde logo um dos principais objectivos: o conhecimento. Na verdade, grande parte dos objectivos do projecto anda à volta do conhecimento e de o fomentar na comunidade cigana de Santa Tecla. À parte disso, o objectivo é estabelecer um diálogo intercultural e desconstruir os estereótipos associados à etnia cigana e aos seus comportamentos, como explica Virgínia Santos. Virgínia é socióloga e coordena-

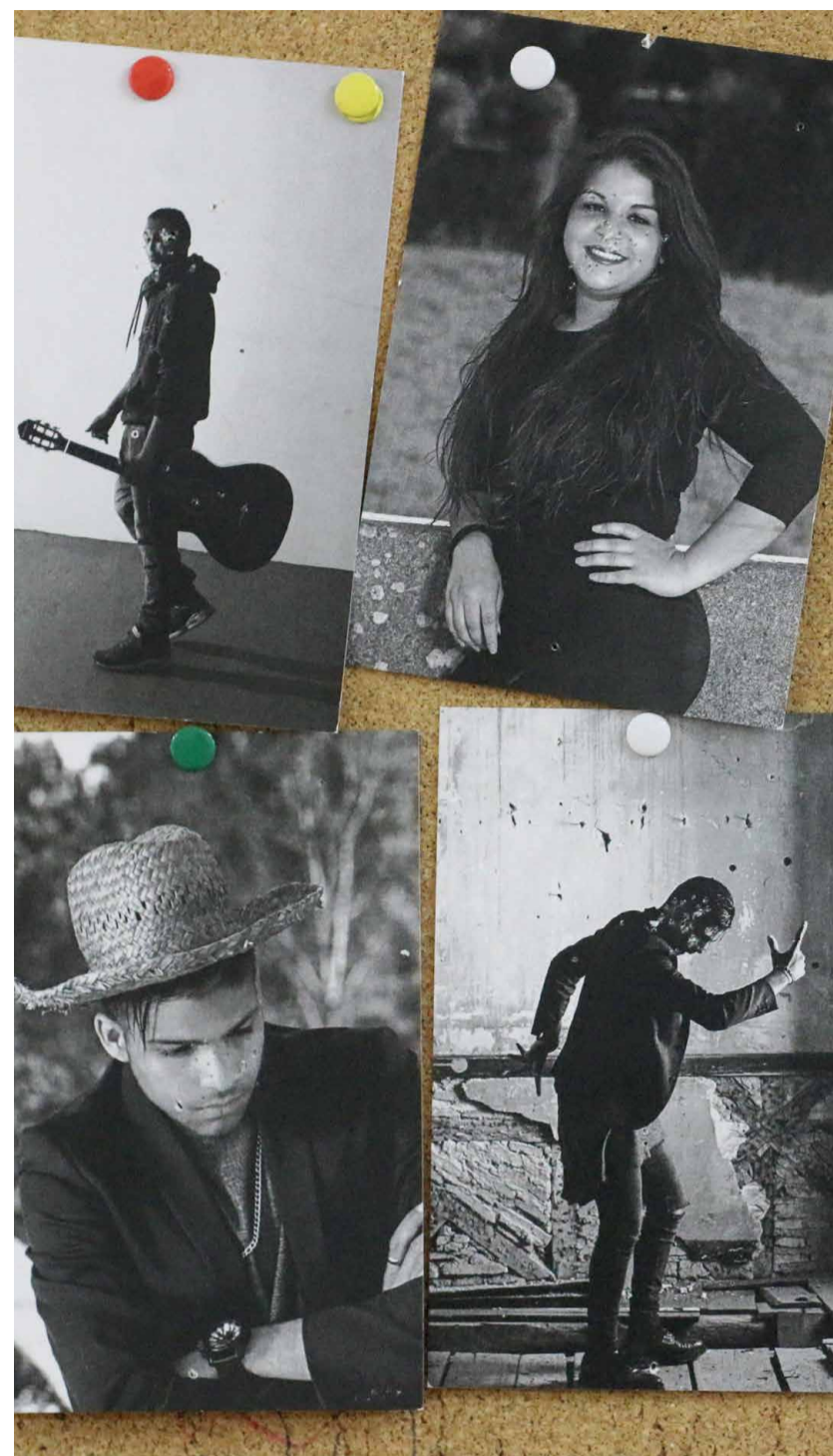
nadora do projecto, no qual está desde Março de 2014. Juntamente com uma equipa composta por mais três elementos – a Carina (psicóloga), Vanessa e o Paulo – e cerca de 15 voluntários que apoiam as actividades diárias, faz o mundo deste projecto “girar”, mas o seu objectivo é deixar de ser precisa por aqui.

“Já me perguntaram numa altura como é que me viam daqui a cinco anos, e eu disse que me via num projecto completamente orientado por ciganos”, explica Virgínia. Para ela, esse seria o “maior sucesso possível” do Geração Tecla E6G, que já está a caminho de celebrar uma década de existência mas, enquanto ainda não o pode fazer, já celebra outras conquistas. Dois elementos da equipa, a Vanessa e o Paulo, são ciganos – Paulo é o membro mais recente. Mas o maior exemplo dessas conquistas é talvez o projecto que, por deixar de ser necessário, desapareceu tão rápido como surgiu.

No início do projecto – no ano de 2009 – um dos maiores problemas era o absentismo escolar. “Ao perguntar aos miúdos porque não iam à escola, eles respondiam «não me acordei». Era mesmo esta a expressão”. A ideia, conta Virgínia Santos, surgiu sim-

plesmente em resposta a esta justificação das crianças da comunidade. Se o impedimento para ir à escola era as crianças não acordarem, haverá algo mais simples que as ir acordar? A resposta foi, claramente, negativa. “Então implementou-se esse sistema de ir de manhã acordar as crianças. E assim começou”. No início, o número de crianças superava a meia centena. E todos os dias os elementos da equipa – que, na altura, eram outros – acordavam mais cedo para passarem nas casas das crianças e as tirar da cama. Com o passar do tempo, o número de crianças a necessitar deste serviço foi diminuindo até que, na geração anterior do projecto – cada geração do Programa Escolhas tem a duração de três anos –, já eram pouco mais de vinte. E mesmo essas, segundo Virgínia, já não precisavam. “Na maioria das vezes chegávamos lá e já estavam acordados. Portanto chegamos à conclusão que o esforço que tínhamos que fazer todas as manhãs, sendo nós quatro para esse trabalho, já não se justificava, e não sentimos que se justificasse mais. Eles começaram a ganhar o hábito, a acordar e nos últimos tempos até já eram os miúdos a abrir a porta algumas vezes”. E assim desapareceu o Despertador ao Domicílio.

“Quanto menos necessários formos, melhor. É sinal de que estamos a conseguir resultados”. A coordenadora do projecto entende que os problemas sociais têm este paradoxo, por isso orgulha-se do trabalho feito. E, para melhor o entendermos, deixa outro



indicador. “Quando começamos, havia oito jovens inscritos no 2º e 3º ciclo. Neste momento acompanhamos mais de 60 nessa fase do ensino. Não há nenhuma criança que saia do primeiro ciclo e que fique por aí, todos têm seguido para o 2º ciclo”. Ainda há passos a dar, diz. Mas o facto de pela primeira vez, no ano passado, uma criança da comunidade ter completado o 3º ciclo pelo ensino regular faz notar uma progressão evidente.

Do nomadismo forçado até à integração

Mas nem sempre o povo cigano teve esta preocupação com a escola e a formação. “A questão escolar, num povo nómada, nunca foi sequer questão”. Durante muitos anos, o po-

vo cigano foi forçado a ser nómada. A discriminação de que foram alvo durante séculos encontrou albergue na ditadura portuguesa e ainda persiste na sociedade actual. Os exemplos não faltam. Virgínia está cheia deles, e aponta que “no tempo de faculdade tive amigos que estavam proibidos de ir a um bar por não saberem beber e terem feito asneiras. Mas se um cigano fizer asneiras num bar, são os ciganos todos que não entram mais naquele bar”. De exemplos mais simples, a conversa passa para casos em que a discriminação é ainda mais notória. A coordenadora do projecto conta que não há muito tempo “um colega nosso que trabalha a recibos verdes foi à Loja do Cidadão para pagar o IVA”. Até aí, tudo bem. O problema foi quando,



O que é ser cigano e o que é ser habitante de um bairro social? Estas duas coisas confundem-se. Trabalhei muitos anos com bairros sociais e vejo muitas questões similares. Ou seja, confunde-se a cultura de bairro social com a cultura de ser cigano.



ao aproximar-se do balcão, o funcionário simplesmente referiu que “a Segurança Social é aqui ao lado”.

Carina Silva, psicóloga e técnica do Geração Tecla, intervém na conversa. Esta história de discriminação envolve uma professora que não preparou o dossier sobre uma criança cigana para a mãe que se deslocou à reunião, apesar de ter preparado os dossiês de todas as outras crianças da turma. A justificação da professora foi simples: pensava que a mãe não ia comparecer na reunião. “A raiva desta mãe criou logo ali uma resistência, um conflito com a professora”, diz Virgínia para quem a linguagem usada “diz muito”. “Também a comunidade não cigana tem que desenvolver a capacidade de integração”.

Os ciganos, por sua vez, tendo sido perseguidos durante séculos pela maioria da sociedade – desde os tempos do colonialismo até ao Holocausto, durante a Segunda Guerra Mundial –, ainda sentem uma desconfiança perante os “senhores” – o nome na sua cultura popular para quem não é cigano. A vontade de integração “nota-se”, mas os receios continuam presentes. Um habitante do bairro uma vez contou a Virgínia que a mãe lhe dizia que dos “senhores” não vem nada de bom.

“Os actos ilícitos que tradicionalmente os ciganos desenvolveram... também há responsabilidade da sociedade maioritária sobre isto. Da mesma forma que quando negamos um trabalho a um cigano, estamos a contribuir para isso. Ele vai ter que ganhar a vida”, recorda.

Os ciganos que nós conhecemos

“Estamos a falar dos ciganos que nós conhecemos. Aqui em Braga são estes que são conhecidos, mas há muitos ciganos que as pessoas não vêem, não falam ou nem sabem que são ciganos. Existem pessoas que estão a estudar na universidade e que não se assumem como ciganos. E que escondem. Por medo da discriminação e das represálias”. Esta realidade leva a conversa para a confusão entre a cultura de cigano e a cultura de bairro social. Uma confusão frequente. “Isto foi-me dito uma vez por um jovem: «se eu sair do bairro e tiver um trabalho com salário ao fim do mês, eu deixo de ser cigano». Há uma identificação

da cultura...”. Virgínia ressalva que nem todos pensam assim e que a vontade de muitos é de trabalhar e ter um rendimento que permita sustentar a família, mas lamenta que esta confusão entre cultura seja feita também dentro da comunidade.

“O que é ser cigano e o que é ser habitante de um bairro social? Estas duas coisas confundem-se. Trabalhei muitos anos com bairros sociais e vejo muitas questões similares. Ou seja, confunde-se a cultura de bairro social com a cultura de ser cigano”.

Pôr os ciganos a falar sobre eles próprios

“Se há coisa que fui aprendendo em muitos anos de intervenção social é que eu não consigo mudar nada”. Pode parecer que estas palavras de Virgínia Santos desvalorizam a necessidade de projectos como o Geração Tecla E6G, mas é precisamente o contrá-

tudos. Mas, apesar de todas as perguntas e curiosidade no final das sessões, surgia sempre um argumento dominante: o de que essas profissões e os estudos não são para eles porque são ciganos. “Pensam que ninguém lhes vai dar emprego, por isso nem vale a pena estudar, e que aquilo não é para eles porque são ciganos e os ciganos são feirantes”.

A solução foi convidar ciganos de vários pontos do país para fazer as mesmas apresentações. A partir daí, as questões mudaram de tom: passaram a debruçar-se sobre o como é que os senhores deram trabalho àqueles ciganos e, fulcralmente, se não deixam de ser ciganos por estudar e ter um trabalho diferente. “Há um medo de perder a identidade”, explica Virgínia. É a tal confusão entre culturas, a de cigano e a de bairro social.

O importante, por isso, é serem os próprios “promotores das suas acções. Há esta ideia



rio que elas significam. “Acima de tudo nós temos que ter as portas abertas e os instrumentos, os mecanismos de apoio para as mudanças que cada um fará e cada um pode fazer por si”.

Para as mudanças acontecerem é preciso que a comunidade sinta que consegue chegar lá. Que o mundo das salas de aula e do trabalho também é para eles. Como é que se faz isso? Ao pôr a comunidade a falar sobre ela própria e sobre os seus problemas. Virgínia exemplifica com a Odisseia das Profissões, uma antiga actividade do projecto. Uma vez por mês uma pessoa era convidada a apresentar a sua profissão às crianças para que estas, conhecendo-as, as pudessem ambicionar e, assim, ficarem motivadas para os es-

de que eles não têm a formação, a capacidade, mas eles têm a experiência”. E já fazem esta experiência com os jovens da comunidade. “Nós fizemos um primeiro encontro com um grupo de jovens e foram três dias intensivos onde os convidamos a pensar os problemas da comunidade”. O que Virgínia conta é que, sem ajuda, chegaram às mesmas conclusões dos “diagnósticos elaborados” dos técnicos. O caminho do projecto é fazer a mudança partir de dentro, até que a intervenção de outras comunidades já não seja necessária. O trabalho mais complicado, o de criar as bases, está feito. Os passos são pequenos, mas cada vez mais importantes.

"Começou a ensinar"

XIV DOMINGO COMUM

ITINERÁRIO

ATITUDE

Celebrar na Esperança

CONCRETIZAÇÃO: O ministério de anúncio do Reino de Deus, levado à plenitude em Jesus e continuado pelos seus discípulos, é sinal vivo de que esta não pode ser uma obra meramente humana, mas é agraciada por Deus. Afinal, Jesus Cristo, o Messias, o Ungido do Senhor, é quem inaugura este processo. Para nos sentirmos impelidos a evangelizar como Jesus, em correspondência verdadeira à nossa condição baptismal, vamos inserir num arranjo floral as âmbulas dos santos óleos.



ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES



LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Ez 2, 2-5

Leitura da Profecia de Ezequiel

Naqueles dias, o Espírito entrou em mim e fez-me levantar. Ouvi então Alguém que me dizia: "Filho do homem, Eu te envio aos filhos de Israel, a um povo rebelde que se revoltou contra Mim. Eles e seus pais ofenderam-Me até ao dia de hoje. É a esses filhos de cabeça dura e coração obstinado que te envio, para lhes dizeres: «Eis o que diz o Senhor». Podem escutar-te ou não – porque são uma casa de rebeldes –, mas saberão que há um profeta no meio deles".

Salmo responsorial

Salmo 122 (123), 1-2a.2bcd.3-4 (R. 2cd)

Refrão: Os nossos olhos estão postos no Senhor, até que Se compadeça de nós.

LEITURA II 2 Cor 12, 7-10

Leitura da Segunda Epístola do apóstolo S. Paulo aos Coríntios

Irmãos: Para que a grandeza das revelações não me ensoberbeça, foi-me deixado um espinho na carne, – um anjo de Satanás que me esbofeteia – para que não me orgulhe. Por três vezes roguei ao Senhor que o apartasse de mim. Mas Ele disse-me: "Basta-te a minha graça, porque é na fraqueza que se manifesta todo o meu poder". Por isso, de boa vontade me gloriarei das minhas fraquezas, para que habite em mim o poder de Cristo. Alegro-

me nas minhas fraquezas, nas afrontas, nas adversidades, nas perseguições e nas angústias sofridas por amor de Cristo, porque, quando sou fraco, então é que sou forte.

EVANGELHO Mc 6, 1-6

Evangelho de Nosso Senhor Cristo segundo São Marcos

Naquele tempo, Jesus dirigiu-Se à sua terra e os discípulos acompanharam-n'O. Quando chegou o sábado, começou a ensinar na sinagoga. Os numerosos ouvintes estavam admirados e diziam: "De onde Lhe vem tudo isto? Que sabedoria é esta que Lhe foi dada e os prodigiosos milagres feitos por suas mãos? Não é Ele o carpinteiro, filho de Maria, e irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão? E não estão as suas irmãs aqui entre nós?". E ficavam perplexos a seu respeito. Jesus disse-lhes: "Um profeta só é desprezado na sua terra, entre os seus parentes e em sua casa". E não podia ali fazer qualquer milagre; apenas curou alguns doentes, impondo-lhes as mãos. Estava admirado com a falta de fé daquela gente. E percorria as aldeias dos arredores, ensinando.

REFLEXÃO

Recordamos, Senhor, a vossa misericórdia no meio do vosso templo. Toda a terra proclama o louvor do vosso nome, porque sois justo e santo, Senhor nosso Deus.
cf. Salmo 47, 10-11

A precariedade e a fragilidade da existência humana lembra a nossa condição mortal, a situação limite mais dolorosa. Muitas pessoas, face a essa realidade, sentem-se perdidas e angustiadas. Onde encontrar o sentido da vida? A fé cristã ilumina toda a condição humana, também o sofrimento e a morte, à luz de uma promessa de misericórdia e de vida. Deus, justo e santo, não quer a morte, mas ama a vida. Na verdade, o verdadeiro amor tende para a eternidade! A visão da fé não é um mero consolo, mas é capaz de despertar esperança, a virtude que nos orienta para a meta, para essa vitória da misericórdia e da vida.

"Começou a ensinar"

O fragmento escolhido para o Décimo Quarto Domingo (Ano B) serve de conclusão à secção do evangelho segundo Marcos que põe em destaque as palavras e obras de Jesus Cristo e as diversas respostas de pessoas e grupos. O evangelista preocupa-se em dirimir todas as dúvidas sobre a identidade de Jesus. Neste caso, somos conduzidos a Nazaré, terra onde cresceu e viveu até ao início da chamada vida pública. O início é optimista: "começou a ensinar" e todos "estavam admirados". Mas logo "ficaram perplexos" por ser o carpinteiro, filho de Maria, um que tinha crescido com eles. Num ápice, passam do assombro ao desprezo, do acolhimento à recusa. Jesus Cristo atribui a si mesmo o título de "profeta", ligando assim a sua missão com a dos antigos profetas de Israel, que anunciavam a palavra de Deus ao povo. Muitos deles foram incompreendidos e perseguidos. Agora, sucede o mesmo. Ensinar está no princípio e no final do texto: "começou a ensinar (...). E

percorria as aldeias dos arredores, ensinando". É uma parte importante da missão. Há-de enviar os discípulos confiando-lhes a mesma tarefa. É encargo "que nos comete a todos como tarefa diária: é cada um levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos. É a pregação informal que se pode realizar durante uma conversa, e é também a que realiza um missionário quando visita um lar. Ser discípulo significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus; e isto sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho" (EG 127).

Celebrar na esperança

"A vida de um cristão começa a mudar no dia em que descobre que Jesus é alguém que o pode ensinar a viver. (...) Alguém que pode ensinar uma «sabedoria única». (...) Nós, cristãos de hoje, temos de nos perguntar se não esquecemos que ser cristão é simplesmente «viver aprendendo» de Jesus" (José Antonio Pagola). Ele pode ser o mestre que nos ensina a viver sempre com entusiasmo e a celebrar na esperança.

Reflexão preparada por Laboratório da Fé in www.laboratoriodafe.net



EUCOLOGIA

Orações presidenciais: Orações próprias do XIV Domingo do Tempo Comum (*Missal Romano*, 408).

Oração Eucarística: Oração Eucarística V/A com prefácio próprio (*Missal Romano*, 1157ss).



VIVER NA ESPERANÇA

Cada pessoa que escuta a Palavra de Deus, nesta assembleia dominical, procurará ser testemunha da Boa Nova na sua própria casa, reconhecendo e aceitando as fraquezas suas e dos outros.



SUGESTÃO DE CÂNTICOS

– **Entrada:** A tua voz ouvi (H. Faria, IC 371).

– **Apresentação dos Dons:** O Espírito de Deus repousou sobre mim (Az. Oliveira, IC 188).

– **Comunhão:** Senhor, quanta alegria é encontrar-te (C. Silva, IC 563).

– **Final:** Fez-vos Cristo luz do mundo (F. Silva, IC 698).

Elementos celebrativos a destacar

Despertar a Esperança

Introdução ao espírito celebrativo

A Palavra de Deus nem sempre encontra uma audiência disposta a acolher a mensagem de vida e a reconhecer em Jesus o Messias, enviado do Pai. São os da Sua própria terra que duvidam de Jesus. E quando não se está disponível para acolher, o melhor é seguir viagem para outro lado... Para quem acolhe a Boa Nova com fé e amor resta testemunhar com a própria vida. Estamos aqui para reconhecer, aceitar e confiar em Jesus apesar das nossas debilidades e pecados. Basta-nos a Sua Graça, porque é na fraqueza que se manifesta o Seu poder.

Enraizar a Esperança

Dinâmica própria do Tempo Litúrgico

1. Proclamação da Palavra

[Primeira Leitura] Recomenda-se

uma leitura solene e pausada, visto tratar-se de um “mandato” de Deus. [Segunda Leitura] Ter consciência da nossa fraqueza, mas com atitude de esperança. Dar ênfase à última frase da leitura.

2. Preparação penitencial

V/ Senhor, que nos acolhes com o teu amor, ainda que por vezes não correspondido,

R/ Senhor, tem piedade de nós.

V/ Cristo, que por obediência ao Pai vieste ao Mundo para trazer a redenção,

R/ Cristo, tem piedade de nós.

V/ Senhor, que dás vida e que a todos purificas com os dons da tua graça,

R/ Senhor, tem piedade de nós.

3. Homilia

O envio profético de anúncio e denúncia assume o seu expoente em Jesus Cristo. A homilia deverá ser preparada com este intuito de dar continuidade ao ministério da pregação de Jesus acerca do Reino, tornando os corações dóceis à Sua Palavra e à Sua Pessoa. A

homilia poderá terminar com a oração pela renovação espiritual da nossa Arquidiocese, que foi proposta para este triénio pastoral.

Partilhar a Esperança

Indicações para a reflexão partilhada na homilia

. Hoje o Senhor diz a cada um de nós: “filho do homem Eu te envio” a anunciar a todos, fielmente, o Evangelho, com as palavras e com a vida; a denunciar todo o tipo de injustiça, opressão, maldade e egoísmo, violência e desrespeito da dignidade da pessoa humana; a celebrar um novo modo de entender Deus e olhar para as pessoas.

. Por vezes, podem surgir desânimos ou espinhos nesta nossa missão de profetas. Pode acontecer que o nosso empenho no anúncio do Evangelho nos traga a sensação de que tudo se perdeu... Este é um espinho muito doloroso, que Deus não nos tira. Deus não elimina os contrastes, não livra o profeta da fragilidade da sua condição humana, mas quer que, através da nossa fraqueza se manifeste a sua grandeza.

. O Evangelho relata-nos que os conterrâneos de Jesus se admiram com a sua ciência: “É lá possível que o carpinteiro, filho de Maria possa ser o Messias, o enviado de Deus?”. Às vezes recusamos a mensagem, não porque não seja boa, mas por causa do mensageiro: porque este tem defeitos, não é simpático, não faz parte das minhas ideologias ou é de condição inferior... Deus dá-nos uma lição: escolhe os fracos e humildes, escolhe os pobres e desprezados para confundir os poderosos e soberbos.

Oração universal

Caríssimos irmãos e irmãs: com humildade, peçamos ao Pai que venha ao encontro da fé de tantos cristãos do mundo de hoje, dizendo (ou cantando), cheios de confiança:

R. Senhor, venha a nós o vosso Reino.

(...)

“Começou a ensinar”

DÉCIMO QUARTO DOMINGO
ANO B · 2018



LABORATÓRIODAFÉ

Olive & Noé



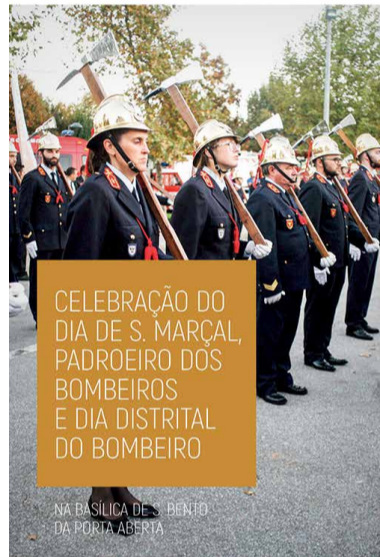
S. BENTO CELEBRA DIA DE S. MARÇAL

No próximo dia 30 de Junho, a Basílica de S. Bento da Porta Aberta irá celebrar, pelo segundo ano consecutivo, o Dia de S. Marçal, Padroeiro dos Bombeiros.

Em conjunto com a Federação dos Bombeiros do Distrito de Braga, o Dia Distrital do Bombeiro assinala-se com Formatura pelas 10h e eucaristia solene presidida pelo Arcebispo Primaz, D. Jorge Ortiga.

"Ao fazer esta comemoração pretende-se agradecer a Deus por S. Marçal o dom precioso dos Bombeiros nas nossas comunidades e, simultaneamente, sufragar a alma de tantos e tantos «soldados da Paz», os nossos Bombeiros que deram a vida para segurança dos nossos bens e vidas", assinalou a Basílica em comunicado.

SÃO BENTO
da PORTA ABERTA



ESTÁGIO DE ADMISSÃO DO SEMINÁRIO MENOR A DECORRER

O Estágio de Admissão ao Seminário de Nossa Senhora da Conceição deste ano está a decorrer desde ontem, dia 27, e tem lugar até este Sábado, dia 30 de Junho. Após uma caminhada de pré-seminário, os adolescentes que demonstraram maior abertura a este caminho de discernimento vocacional que o Seminário Menor proporciona estão a ter uma experiência mais intensa de contacto com o ritmo desta comunidade educativa. Para

esta actividade, a comunidade do Seminário preparou um programa repleto de momentos intensos quer de oração e de relação com Deus, promotor do chamamento a cada um destes adolescentes, quer de cariz lúdico e cultural. Como forma de terminar este encontro, haverá uma celebração e um tempo de jantar e convívio, em que também participam os pais dos adolescentes que passam estes dias no Seminário.

AGENDA
Viva

28 JUN

AUDITÓRIO ISIDRO ALVES
O QUE É O TEMPO?
10H00



29 JUN

ESPAÇO VITA
A GRANDE RESSACA
21H30



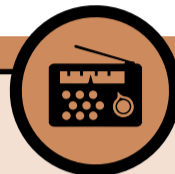
2 JUL

PAVILHÃO DA UMINHO
CLERICUS CUP
14H30



Director: Damião A. Gonçalves Pereira · **Coordenação:** Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Paulo Terroso, Pe. Tiago Freitas, Flávia Barbosa, João Pedro Quesado)
Design: Romão Figueiredo · **Multimédia:** Ana Marques Pinheiro · **Contacto:** comunicacao@arquidiocese-braga.pt

Fale connosco no
Facebook



FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

Sim
Assim, sim. AM/FM

PROGRAMA

Ser Igreja

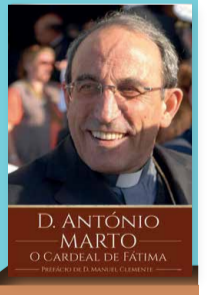
Sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, o **Pe. Carlos Nuno Vaz**, Capelão da Igreja de Nossa Senhora a Branca em Braga.

LIVRARIA
DIÁRIO DO MINHO
LIVRO DA SEMANA
12€

10%
Desconto

RICARDO PERNA
D. ANTÓNIO MARTO
O CARDEAL DE FÁTIMA



Esta obra pretende dar uma perspectiva de quem é e o que pensa o agora cardeal D. António Marto. Apresenta uma breve biografia e o seu pensamento sobre vários assuntos: jovens, recasados, eutanásia, crise. Partes da sua vida e do seu pensamento são dadas na primeira pessoa, através de uma grande entrevista que concedeu ao jornalista do Observador João Francisco Gomes pela altura do Centenário das Aparições de Fátima.

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 28 de Junho a 5 de Julho de 2018.